

As muitas vidas
na vida do ator
Dilsinho Oliveira

PÁGINA 3



Mart'nália abre
temporada 2025
de shows no Circo

PÁGINA 10



Obra-prima de
Terrence Malick na
telinha da TV

PÁGINA 13



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



'Ainda Estou Aqui' disputa troféu de Melhor Filme de Línguas Não Inglesa e Fernanda Torres a de Melhor Atriz no prêmio da imprensa hollywoodiana, que acende holofotes do Oscar

Globo de Ouro para chamar de nosso

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Domingo é dia de Globo de Ouro e o Brasil vai estar lá, representado por "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, numa celebração de talentos que coroa uma das atrizes de maior talento da tela grande, Viola Davis, com um troféu honorário. Cheia de trabalhos inéditos para estreiar em 2025, como o drama "I Almost Forgot About You" e o thriller "G20", a estrela de 59 anos vai receber o troféu honorário Cecil B. DeMille, não só pela potência de seus feitos como atriz, mas pelo simbolismo que sua luta antir-

racista e seu engajamento em causas feministas agrega à Golden Globe Foundation.

É essa fundação que pode coar o recordista brasileiro de público do ano passado, com 3 milhões de ingressos vendidos, com as estatuetas de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e de Melhor Atriz,

consagrando a interpretação de Fernanda Torres. Só as indicações já ampliam o cacife de seus concorrentes na Oscar Season. Outrora, acreditava-se que quem ganhava o Globo de Ouro seria oscarizado automaticamente, mas a História questionou esse postulado.

Votações dos sindicatos de Hollywood, sobretudo o Screen Actors Guild (SAG) e o Producers Guild of America (PGA), têm mais peso, pois refletem o gosto de quem (de fato) vota na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos EUA, que anuncia seus concorrentes no próximo dia 17. Apesar disso, o Globo, concedido desde 1944 por correspondentes da imprensa estrangeira em solo hollywoodiano, continua a ser encarado como chancela de prestígio, por alargar a visibilidade de títulos em circuito comercial, elevando sua receita numa temporada de premiações que termina no dia 2 de março, com a festança da Academia. Até lá, muitos longas-metragens vão mobilizar o circuito, cercados de potenciais favoritismos. A conquista do Globo dourado vai ajudar muitos deles, inclusive o drama de Salles sobre a peleja da ativista Eunice Paiva (papel de Torres) contra a ditadura militar.

Além de premiar o cinema, o Globo de Ouro também entrega troféus a produções de TV e de streaming. Na seara da dramaturgia serializada, os concorrentes com mais indicações são "O Urso" (na comédia, nomeado em cinco categorias) e "Shogun" (no drama, nomeado para quatro prêmios).

Continua na página seguinte

Pedras nos caminhos de Waltinho e de Fernanda

Conheça os principais adversários de 'Ainda Estou aqui' na briga pelas estatuetas do Globo de Ouro

Divulgação



Maria Callas

Divulgação



Tudo o que Imaginamos como Luz

Divulgação



A Garota da Agulha

Entre os concorrentes desta edição, o longa com mais indicações (dez) é o francês "Emilia Perez", de Jacques Audiard (exibido na abertura do Festival do Rio), seguido pelo americano "O Brutalista", de Brady Corbet, que concorre em sete frentes. O Globo de Ouro divide seu certame entre dois blocos de gênero: Drama, de um lado; Comédia/Musical (onde também entram tramas de terror), do outro. Sob tal divisão, Torres disputa a categoria de Melhor Atriz Dramática por "Ainda Estou Aqui", que traz seu diretor, Walter Salles, de volta à ribalta de Hollywood.

O cineasta conquistou o Golden Globe em 1999, por "Central do Brasil" (ganador

do Urso de Ouro de 1998), com Fernanda Montenegro (mãe de Torres), que também faz parte do longa sobre Eunice Paiva. Ela e a filha se revezam no papel da advogada (que nasceu em 1932 e morreu em 2018), em fases históricas distintas, com sequências em 1971, em 1996 e 2014, centrada na luta para expor crimes de estado durante o governo dos generais, de 1964 a 1985.

Exibido mundialmente pela primeira vez em setembro no Festival de Veneza, de onde saiu com o prêmio de Melhor Roteiro (escrito por Heitor Lorega e Murilo Hauser), "Ainda Estou Aqui" vai encarar o lúdico "Emilia Perez" na caça ao Globo de melhor produção de DNA estrangeiro. A produção parisiense vendeu 1.067.268 entradas em seu

país. Lá mesmo, em Cannes, na disputa pela Palma de Ouro, Audiard ganhou o Prêmio do Júri pela saga (cantada em espanhol) de um chefe do tráfico do México, chamado Manitas, que transiciona e assume identidade feminina, renascendo como Emilia. O papel é da espanhola Karla Sofía Gascón, que saiu da Croisette com um prêmio coletivo de atuação feminina compartilhado com Adriana Paz, Zoe Saldaña e Selena Gomez. As duas últimas disputam o Globo de Atriz Coadjuvante.

No caminho de Waltinho estão ainda "Tudo O Que Imaginamos Como Luz" ("All We Imagine as Light", da Índia); "A Garota da Agulha" ("The Girl with the Needle", da Dinamarca); "Vermiglio", da

Itália; e "A Semente do Fruto Sagrado" ("The Seed of the Sacred Fig"), um misto de drama e thriller com CEP do Irã que vem sendo indicado pela Alemanha, que o coproduziu. O motivo: seu diretor, Mohammad Rasoulof, nascido em Shiraz, há 52 anos, está sob perseguição das autoridades iranianas, e se refugiou em terras germânicas. Integrantes de sua equipe e de seu elenco foram presos.

A concorrência de Torres é forte. A carioca tem como adversárias Pamela Anderson ("The Last Showgirl"); Angelina Jolie ("Maria"); Nicole Kidman ("Babygirl"); Tilda Swinton ("O Quarto Ao Lado") e Kate Winslet ("Lee"). Premiada em Cannes, em 1986, por "Eu Sei Que Vou Te Amar", a es-



Divulgação

A Semente do Fruto Sagrado

Divulgação

Vermiglio

Divulgação

Babygirl

trêla de marcos do nosso teatro (“A Casa dos Budas Ditosos”) e de nossa TV (“Os Normais”) vem sendo elogiada em todos os festivais por onde “Ainda Estou Aqui” já passou, incluindo mostras em San Sebastián, Nova York, Toronto e Marrakech. No enredo de Salles, sua personagem Eunice leva uma rotina feliz, no Rio do início dos anos 1970, com as filhas (Vera, Eliana, Nalu e Babiu) e o filho (Marcelo), até militares à paisana levarem seu companheiro, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (papel de Selton Mello), para depor, sem explicações. Nunca mais dão notícias do paradeiro dele. Dali, ela se engaja numa cruzada em prol da verdade e vai estudar Direito para brigar contra as armadas de farda.

“Minha geração chegou ao cinema após 21 anos de ditadura militar. Muitas histórias não puderam ser contadas durante esses anos de chumbo”, lembra Salles, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã. “Teria sido lógico abordá-las, mas o desastre do governo Collor no início dos anos 1990 nos obrigou a lidar com uma realidade imediata de um país novamente em crise. Quando a extrema direita começou a ganhar força no Brasil, ficou claro o quanto nossa memória dos anos de ditadura militar era frágil”.

Ele e Fernanda trabalharam juntos antes em “Terra Estrangeira” (1995) e “O Primeiro Dia” (1998), ambos rodados em codireção com Daniela Thomas. Produzido por Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”)

e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível”), “Ainda Estou Aqui”, que ganhou o prêmio de júri popular da Mostra de São Paulo, é o primeiro longa de ficção de Walter depois de um hiato de 12 anos, iniciado depois do lançamento de “Na Estrada” (“On The Road”, 2012). Nesse período, ele lançou o .doc “Jia Zhangke, um Homem de Fenyang” (2014) e rodou curtas (“Quando a Terra Treme”). Em 1999, o cineasta concorreu ao Oscar com “Central do Brasil”, mas perdeu para “A Vida É Bela”, do italiano Roberto Benigni. Fernandona foi indicada em terras hollywoodianas também, mas foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow, em “Shakespeare Apaixonado”.

Nos demais quesitos do Globo de Ouro deste ano, a categoria Trilha Sonora tem como seu favorito o filme “Rivais”, do siciliano Luca Guadagnino, com músicas de Trent Reznor & Atticus Ross. Entre suas canções está “Pecado”, cantada pelo baiano Caetano Veloso.

Fenômeno pop na seara do body horror, “A Substância” (“The Substance”), de Coralie Fargeat, hoje em circuito e em streaming (na MUBI), conseguiu emplacar uma indicação de Melhor Atriz (de Comédia/Musical) para Demi Moore, repaginando a fama da diva dos anos 1980 e 90. Ela vive uma atriz fracassada que se submete a um experimento para rejuvenescer. Sua adversária mais forte é Mickey Madison, estrela de “Anora”, que ganhou a Palma de Ouro de Cannes ao falar das peripécias de uma stripper ao se casar com um milionário russo doidão. Entre os atores, Sebastian Stan chama a atenção por ter sido indicado tanto front cômico quanto no dramático. Concorre por “O Aprendiz” (“The Apprentice”), no papel de Donald Trump, e por “Um Homem Diferente”, que lhe valeu o Urso de Prata de Interpretação na Berlinale. Fala-se muto também de Daniel Craig, que tem um desempenho espantoso em “Queer”, do já citado Guadagnino. Outro forte concorrente é Colman Domingo, à frente de “Sing Sing”, como um presidiário que refaz a vida num projeto de teatro carcerário.

Maior fenômeno popular de 2024, com receita de US\$ 1,6 bilhão, “Divertida Mente 2”, de Kelsey Mann, vai concorrer ao Globo de Melhor Animação (contra o badalado “Flow”, da Letônia) e ao Prêmio de Conquista Cinematográfica e Biheteria. É uma categoria criada para valorizar blockbusters, que coroou o arrasa-quarteirão “Barbie” na cerimônia anterior. Seu maior adversário é a aventura baseada em HQs “Deadpool & Wolverine”, que faturou US\$ 1,3 bilhão, apoiada na fama de Ryan Reynolds e Hugh Jackman.

Onde assistir a premiação e torcer

Agendada para o domingo, no Beverly Hilton Hotel, na Califórnia, a cerimônia da Golden Globe Foundation será comandada pela comediantes Nikki Glaser e pode ser vista no Brasil pela TNT e pela plataforma Max, a partir das 22h. O evento reforça os esforços de sua organização para espantar demônios que assombraram o troféu quando este era oferecido pela Hollywood Foreign Press Association (HFPA), inaugurada em 1943.

A primeira cerimônia em que o Globo de Ouro foi concedido ocorreu há 81 anos, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi “A Canção de Bernardette”, que venceu nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry King) e Atriz (Jennifer Jones).

O troféu, caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico, teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos. É feita de latão, zinco e bronze, e mede 11,5 polegadas, acoplado-se a uma base retangular, vertical, de notável elegância. De 1950 até 2022, guerras internas – de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éticos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo.

A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, o que deu ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização (334 jornalistas, de 85 países) a chance de recomeçar, alinhada com os pleitos mais urgentes da contemporaneidade. Daí a força de ter uma estrela do quilate de Viola como homenageada.

ENTREVISTA / DILSINHO OLIVEIRA, ATOR

'Tive que viver várias vidas dentro do mesmo corpo'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Há uns 30 anos, alunas e alunos do Colégio Nossa Senhora do Brasil, na Penha, perguntam-se quem atirou uma bolinha de papel na lousa durante uma aula de Física do professor Artur, mas só um antigo estudante daquela instituição sabe quem foi: Dilsinho Oliveira. Quem passou por aquela escola nos anos 1990, sobretudo nas aulas de Português do professor Mário Soares, em meio a exercícios de múltipla escolha, cita os feitos de Dilsinho ao lado de colegas - fichados no imaginário suburbano como Peixe, Faraó, Carneiro e João Carlos - como lendas urbanas da Zona Norte carioca.

As picardias estudantis dos tempos de juventude deram lugar ao desejo de vencer nas veredas da arte, sobretudo depois de ele se arriscar (e dar certo) numa experiência de atuação na série "Arcanjo Renegado", do Globoplay, hoje um dos maiores êxitos pop da dramaturgia serializada do Brasil.

A chance de viver o controverso Galvão soltou o Denzel Washington que havia em Dilsinho. As trocas entre seu personagem com Mikhael (vivido por Marcello Melo Jr.) e Sarah (interpretada por Érika Januza) mudaram os rumos da trama e talharam os planos profissionais desse professor de Educação Física, nutricionista e ex-PM de 45 anos, crescido na Vila Cruzeiro.

No fim de 2024, a paixão por atuar, somada a um talento notório, levou-o a um dos papéis centrais no filme "Na Linha de Fogo" (um Original Globoplay e Star Original Productions, com a grife do AfroReggae Audiovisual), filmado no Complexo da Maré, sob a direção de Afonso Poyart. A trama aborda a luta pelo controle territorial entre traficantes e forças policiais e o impacto devastador dessa guerra na vida das favelas carioca.

Embora não tenha confessado ao Correio da Manhã quem tacou a bola em meio



Acervo pessoal

a uma aula sobre lei da aceleração, Dilsinho, hoje ator profissional, abriu o peito no papo a seguir.

Antes de "Arcanjo Renegado" e "Na Linha de Fogo", você trilhou uma trajetória profissional em áreas diversas, inclusive na Educação. Como foi esse percurso e o quanto ele serviu de laboratório para seus personagens?

Dilsinho Oliveira: Eu me formei em Educação Física, mas o maior laboratório que eu fiz foi a minha própria vida. Fui funcionário público concursado e, em dado momento, fui trabalhar com venda de veículos em parceria com um amigo meu que tinha uma loja em Irajá. Depois, eu fiz Nutrição. Fui vendedor, nutricionista, professor de Educação Física, funcionário público. Tive que viver várias vidas dentro do mesmo corpo em funções completamente diferentes.

com "Arcanjo Renegado". Em que momento você passou a se arriscar na carreira de ator e o que te levou a esse caminho?

Tem gente que busca a arte o tempo todo. Eu aprendi com minhas preparadoras que o personagem escolhe a gente; a gente não escolhe o personagem. Há uns 30 anos, eu fiz aula de teatro com o (professor de Literatura) Márcio Maya, no Colégio Nossa Senhora do Brasil, e achava muito maneiro. Lembro que ele levou o Eduardo Moscovis pra dar uma palhinha para a gente lá sobre atuação. Passando essa fase, ao longo da minha vida, em especial na adolescência, sempre fui um cara de frequentar muito cinema. Sempre separei muito tempo da minha vida para ficar de frente pra tela - fosse ela pequena ou grande - para assistir a algum produto e depois conversar sobre ele com as pessoas. Recriava cenas na frente do espelho, sozinho. A arte já estava ali, em mim. Daí tem a questão de o universo conspirar a nosso favor. Pode ser que eu tenha dado sorte no primeiro momento.

E quando foi esse primeiro momento?

José Junior do Afroreggae, que me conhecia, chamou-me para uma participação na segunda temporada de "Arcanjo Renegado", num personagem bem pequeno, bem simples, que aparecia, mas praticamente não tinha falas. Para fazer esse personagem, por mais que você entre mudo e saia calado, existe um teste, e nele, você fala muito. As pessoas querem ver como você se porta de frente para a câmera numa situação de improviso. Nessa de fazer teste, graças a Deus, (o produtor de elenco) Raoni Seixas viu algo de diferente em mim e mandou o vídeo para o Júnior. Fiz a preparação, passei no teste acabei pegando o papel do Galvão. Nesse momento, que cheguei lá, foi sorte. Depois de pegar o papel, tudo é competência e dedicação.

Você hoje tem formação profissional como ator, pois investiu seu cachê na série em estudos. Hoje, como você sente a vivência daquele projeto nas decisões artísticas que tomou?

Um dia, a Erika Januza se sentou do meu lado e falou para eu investir nisso (na atuação), pois achou que eu tenho talento. Ela me contou a história dela e de como foi descoberta. Foi um motivador excepcional. Depois veio o Flávio Bauraquei me dizer que tenho um olhar diferente e uma intensidade boa. Fui absorvendo aquilo no sentido de me dar força para o que eu queria fazer adiante. Tudo estava me ajudando a acreditar que eu deveria, poderia e queria investir naquilo.

A minha principal identidade é ser filho do meu pai. Ele é Udylson, e eu sou Dilsinho. Meu pai é meu ídolo. Sou cria da Penha, da Vila Cruzeiro.

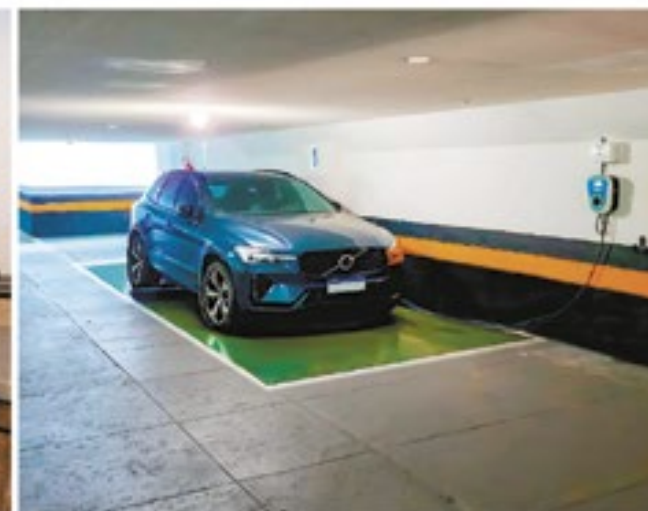
Que herói é o Noronha de "Na Linha de Fogo" e o que ele sintetiza sobre os ideais de Justiça na polícia numa metrópole como o Rio de Janeiro?

Isso é meio controverso, pois algumas pessoas não vão ver o Fabiano Noronha como herói e algumas vão vê-lo como um super-herói. Noronha tem métodos únicos. Métodos que algumas pessoas vão falar que não existe, mas a gente sabe que existe. Para ele, não existe essa linha tênue entre o certo e o errado. Certo é certo, errado é errado. Está errado, eu vou dar pau. Está certo, segue seu caminho.

Você ganhou visibilidade e prestígio



Apartamentos exclusivos e completos para long stay em Ipanema com a comodidade de ter serviços de um hotel à sua disposição.



R. Francisco Otaviano, 155 - Ipanema, Rio de Janeiro - RJ



Breno Moroni e Grande Otelo em 'Katharsys - histórias dos anos 80', o último filme do veterano ator



Cartola é retratado no curta 'Cartola - Chega de Demanda', de Roberto Moura



O Mundo de Lygia Clark

Aonde o cinema é livre!

CCBB-RJ recebe mostra de filmes independentes

A maior mostra de cinema do Brasil focada na produção independente está de volta. Entre os dias 8 e 31 deste mês, a MFL (Mostra do Filme Livre) chega à sua 21ª edição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) com a exibição de mais de 170 filmes entre curtas, médias e longas-metragens, de todos os gêneros, formatos e regiões do Brasil. E traz novidades como a realização de um mercado para seus filmes, visando a difusão deles de forma comercial e cultural (Cineclubes), além do curso "Das Garagens para o Mundo", com o crítico e cineasta Marcelo Ikeda. Depois da temporada carioca, o evento segue para o CCBB SP em fevereiro e no mês seguinte ocorrerão as premia-



Cartório das Almas



Lapso

ções baseadas no voto popular. O evento é inteiramente gratuito.

A 21ª MFL é dedicada à memória do cineasta mineiro Sylvio Lanna (1944/2024), relevante cineasta livre, ícone do Cinema Marginal, diretor do clássico "A sagrada família", filme de 1970.

O homenageado desta edição é o cineasta e escritor Roberto Moura, que vai apresentar seu longa "Katharsys – Histórias dos anos 80", que demorou mais de 30 anos para ser finalizado, sendo o último longa de Grande Otelo.

Moura fundou a produtora Corisco Filmes na década de 1970, com a qual realizou filmes, programas de televisão, exposições, pesquisas e publicações. A partir dos anos 1990 atuou como professor de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem trabalhado sobre o encontro da cultura popular com a indústria cultural no Rio de Janeiro e, particularmente, sobre temas do cinema brasileiro. Além do longa, Moura vai exibir seis curtas feitos em 35mm, remasterizados em digital recentemente, como "Chega de

Demanda - Cartola", com e sobre o genial compositor que era amigo do cineasta.

As sessões da MFL, tradicionalmente, destacam o melhor da produção nacional, a exemplo da sessão Panoramas Livres, com a diversidade e a qualidade da produção independente. Já a sessão Mundo Livre traz filmes feitos no exterior por brasileiros. A Caminhos apresenta filmes de escola. Filmes sobre outros artistas poderão ser vistos na Biografemas, enquanto a sessão Sonoras exhibe variados processos de experimentações entre cinema e música.

Mas a MFL não para por aí. Há ainda a sessão Autorias, com filmes de artistas renomados na trajetória da mostra como Fábio Rogério, Ivan Cordeiro e Fábio Carvalho. A Territórios, abre espaço para lugares de fala e pertencimentos. A querida Mostrinha Livre inclui a garotada com filmes para crianças de várias idades. A sessão Pílulas, com 16 curtinhas de até 5 minutos tem rolado todos os anos, com sucesso. A produção do Rio de Janeiro também é destaque com três sessões da Cena Rio, com oito curtas, médias e lon-



Jaguanum



Inflamável



Arrimo



À Portas Fechadas



Arapuca

gas locais.

O cinema mais radical e todo seu experimentalismo também tem seu canal na Mostra do Filme Livre, mais precisamente na Cabine Livre, que vai acontecer em

parceria com a Cavideo, na sala 4 do Estação Net Botafogo, exibindo tais filmes em looping.

O multiartista Dellani Lima exibirá na mostra seu último curta “Res Pvblica”

e seu longa “As faces do Mao”, feito em parceria com Lucas Barbi na direção. Já o também multiartista Petrônio Lorena apresenta no RJ a sessão Nordestes Poéticos, com curtas históricos da cena pernambucana.

Sessões acessíveis também estão programadas, como a dos longas “Não Existe Almoço Grátis” e “Mais Um Dia, Zona Norte”, que serão exibidos com audiodescrição (via fone de ouvidos) e legendagem descritiva. E pela primeira vez o evento terá curadoria de pessoas com deficiência auditiva, que vai selecionar curtas com libras e legendagem descritiva.

Buscando a valorização dos filmes que exhibe e sua maior visibilidade Brasil adentro, este ano a MFL vai promover, com apoio da Prefeitura do Rio, por meio da RioFilme, o Mercado MFL (MMFL), nos dias 17, 18 e 19 de janeiro, nos cinemas do CCBB. A abertura será com o debate “Difusão cultural e comercial hoje no Brasil”, nos dias seguintes vão acontecer rodadas de negócios entre os filmes do evento e possíveis compradores para TV, salas de

Cinema e Internet. A ação Cineclubes Livres também vai voltar, com os filmes da MFL sendo exibidos em cineclubes do RJ em julho/agosto de 2025.

O curso “Das garagens para o mundo”, ministrado pelo crítico, escritor e professor de cinema da Universidade Federal do Ceará, vai acontecer no cinema 2 durante o Mercado MFL nos dias 17, 18 e 19 de janeiro. O curso é baseado no livro homônimo em lançamento no RJ e em SP na MFL. As inscrições para o curso serão pelo site do evento, onde também estão as informações, fotos e trailers de todos os filmes da 21MFL.

SERVIÇO

21ª MOSTRA DO FILME LIVRE
De 8 a 31/1
Centro Cultural Branco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)
Estação NET Botafogo (Rua Voluntários da Pátria, 88)
Programação completa: <https://acesse.dev/uzn4A>
Entrada franca

Quinho Mibach/Divulgação

SHOW**ROBERTO MENESCAL
E LEILA PINHEIRO**

*Um dos principais nomes da Bossa Nova une-se à cantora que ele revelou para celebrar os 65 anos do gênero. Sex (4), às 20h e 22h30. Blue Note (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 120

ANGELA RO RO

*A cantora e compositora comemora seus 75 anos cantando seus grandes sucessos no show "75 Anos de Amor à Música!", que inclui músicas obrigatórias de seu repertório. Sex (3), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 60 e R\$ 140

KLEITON & KLEDIR

*Os irmãos gaúchos apresentam retrospectiva dos grandes momentos de uma carreira de mais de 40 anos em clima intimista e descontraído em que não faltarão sucessos. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). Sex (3), às 20h e 22h30. A partir de R\$ 90.

LOTUS COMBO - CLÁSSICOS EM JAZZ

*O trio formado por Rodrigo Marsillac (piano), Domenico Botelho (contrabaixo) e Miguel Couto (bateria) apresenta grandes temas da música de concerto em arranjos jazzísticos. Dom (5), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). Sex (3), às 20h e 22h30. A partir de R\$ 90.

TEATRO**MARGINAL GENET**

*A dramaturgia criada e dirigida por Francis Mayer inspira-se no romance 'Diário de um Ladrão', de Jean Genet, um autor transgressor que viveu no submundo parisiense até ser descoberto por Albert Camus e Jean Paul Sartre. Até 31/1, qui e sex (20h). Cine Teatro Joia (Av. N. S. Copacabana, 680). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

NÃO ME ENTREGO, NÃO!

*Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, aos 91 anos, retoma a temporada vitoriosa do solo em que arrebatou plateias com episódios de sua vida carreira. Até 23/2, qui (17h), sex (20h), sáb (19h) e dom (20h). Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)



Roberto Menescal

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Tatá Barreto/Divulgação



Angela Ro Ro

EXPOSIÇÃO**GEOMETRIA INQUIETA**

*Retrospectiva mapeia o percurso trilhado pelo escultor Ascânio MMM. Até 30/3, de ter a dom (12h às 18h). Casa Roberto Marinho (Rua Cosme Velho, 1105). R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (quartas-feiras)

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

*Coletiva que reúne mais de 300 obras e instalações de 200 artistas plásticos e visuais de várias regiões do país que oferecem ao visitante um panorama diversificado do que era o Brasil na conturbada década de 1980. Até 27/1, qua a seg (9h às 20h). CCBB-RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

Tatá Barreto/Divulgação



Não Me Entrego Não

Fabrine Reis/Divulgação

D.P.A 2 2 - Mistério Musical em Magwood
Divulgação

Fabrine Reis/Divulgação

Marginal Genet

Isabel Ramil/Divulgação



Kleiton & Kledir

Divulgação



Geometria Inquieta

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

*O artista plástico campista Edmilson Nunes apresenta nesta individual alguns trabalhos de sua produção mais recente. Em cartaz na Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500). Até 31/1, de seg a sex (12h às 17h). Grátis

ROTA DO CHÁ - BOTÂNICA, CULTURA E TRADIÇÃO

*Exposição conta a fantástica e rica história do chá desde suas origens ancestrais na China até sua disseminação global, com destaque para os rituais, as artes e a evolução social, associados à sua produção e consumo. Até ago/25, qui a ter (10h às 17h). Casa Pacheco Leão (Rua Jardim Botânico, 1008). Grátis

ASSIM É SE LHE PARECE

*Adepto da fotografia analógica e em preto e branco, o paraibano Antonio Augusto Fontes apresenta 60 trabalhos de sua vasta produção, incluindo obras icônicas e registros inéditos de sua trajetória pelo Brasil e exterior. Até 28/2, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

GIRO ABISSAL

*Coletiva reúne trabalhos de 27 artistas, mostrando suas visualidades dois termos decoloniais importantes: giro decolonial e linha abissal. Em cartaz até 15/1, de seg a sex (10h às 17h). Sala Antonio Berni - Consulado da Argentina no Rio de Janeiro (Praia de Botafogo, 228/sobreloja - Botafogo). Grátis

SISSON, 200 ANOS

*Mostra reúne 170 obras do ilustrador francês Sébastien Sisson (1824-1898), pioneir das HQs no Brasil. Até 22/1, seg a sex (10h às 17h). Biblioteca Nacional (Av. Rio Branco, 219). Grátis

INFANTIL**D.P.A. 2 - A PEÇA - UM MISTÉRIO MUSICAL EM MAGWOOD**

*Os meninos detetives do Prédio Azul vivem novas aventuras no teatro. Até 9/2, sáb (14h e 16h30) e dom (16h e 18h30). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52, loja 370). Entre R\$ 45 a R\$ 120

IDENTIDADE DAS CORES

*Você já pintou seu próprio retrato? Quais as cores que misturadas chegariam próximo ao seu tom de pele? Nesta atividade o público é convidado a refletir acerca da sua identidade racial e autorrepresentação como forma de reafirmar seu lugar no mundo. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)

MÁQUINA DE TEMPOS

*Inspirado no Genius, o jogo da memória eletrônico, com ritmos que embalam a geração dos anos 1980, em que cada botão corresponde a uma cor, os participantes desta atividade têm como tarefa memorizar as sequências em um painel interativo. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). Ateliê Aberto - CCBB Educativo (Rua Primeiro de Março, 66)



Máquina de Tempos

Por Affonso Nunes

Com a chegada de 2025 as casas de shows cariocas abrem suas novas temporadas. No Circo Voador ela ganha o nome de Verão no Circo e nos últimos 14 anos foi aberta com shows de Mart'nália. Este ano será diferente? Nãããooo!!! A cantora e compositora chega na lona da Lapa com o show de lançamento de seu mais novo disco, "Pagode da Mart'nália", nesta sexta e sábado, às 22h.

O nome já entrega tudo. Ao revisitar clássicos dos anos 90 que fizeram (e fazem) todo mundo cantar e dançar até se acabar, a cantora homenageia toda uma geração que fez história antes da virada do século. "O pagode dos anos 1990 fez um sucesso enorme em todo o Brasil e ajudou muitos músicos a mudarem suas vidas, a se encontrarem pessoal e artisticamente. Foi bem importante ver esse crescimento nas festas, indo para todos os cantos e misturando gente de todas as idades", comenta Mart'nália.

"O que estou fazendo nesse novo trabalho é reverenciar esses grupos e compositores, pois eles ajudaram a criar uma conexão maior do público com o samba, que ainda era marginalizado naquele período. Fazer essa releitura e juntar a cadência do meu samba a essas canções contribui muito para minha própria liberdade no cantar. Esse repertório marcou muito a memória afetiva das pessoas no passado e agora pode conectar ainda mais as novas gerações ao universo do samba", explica.

A conexão parece mais do que garantida com um repertório que inclui sucessos como "Coração Radiante", "Cheia de Manias" e "Essa Tal Liberdade", só pra citar algumas. E deixar a noite ainda mais especial, sucessos na voz da cantora como "Cabide", "Pra Que Chorar" e "Água de Chuva no Mar" chegam junto.

Sonho que virou projeto

A ideia de se debruçar especificamente sobre esse repertório surgiu de um sonho. Empresária de Mart'nália há 25 anos, Marcia Alvarez acordou no meio da noite com a imagem e o som de sua artista cantando os versos de "Recado à minha Amada", do Katinguelê: "Lua vai / Iluminar os pensamentos dela / Fala pra ela que sem ela eu não vivo / Viver sem ela é o meu pior castigo". "Mas ela não conseguia deslanchar com a música. Aí eu dizia: 'Vamos para Vila Isabel, lá você vai achar o caminho'", lembra a empresária. "Chamei o Marcus Preto para me ajudar a focar o projeto nos anos 1990 mesmo, pesqui-



Mart'nália durante a gravação de seu mais novo trabalho, o álbum 'Pagode da Mart'nália'

Pagodeando com a Mart'nália

Cantora abre a temporada de shows de verão do Circo Voador com o repertório de seu disco que homenageia a geração de pagodeiros que despontou nos anos 1990

sei um repertório que eu sabia que se encaixaria no tipo de discurso que Mart'nália gosta de cantar e fomos indo", recorda Márcia.

Produtor por trás de álbuns lançados por Gal Costa, Erasmo Carlos e Nando Reis, entre outros, Marcus Preto se entusiasmou com

a possibilidade de ver esse repertório renovado pela voz e pela identidade tão marcantes de Mart'nália. "Quando Marcinha fez o convite, eu aceitei na hora. Tinha maratonado o 'Mano a Mano' [podcast de Mano Brown] e só ali eu me dei conta da real dimensão dessa geração do pagode para uma parcela gigante de artistas, muita gente começou a história na música ouvindo esses caras", diz Preto. "Visionária, Alcione cantou essa bola lá atrás, ainda nos anos 1990, e gravou um álbum com esses compositores no calor da hora. Mas nada mais foi feito nas dimensões que esse repertório merece. E Mart'nália seria a voz perfeita para isso".

O trabalho do pianista e produtor musical Luiz Otávio foi levar os arranjos para Vila Isabel, berço do samba de Noel Rosa, Martinho da Vila e, conseqüentemente, da própria Mart'nália. Com sua extensa bagagem de jazz, soul e black music - além do próprio samba - e conhecendo profundamente o universo de Mart'nália, o músico, que é o tecladista da banda da cantora, foi buscando o equilíbrio. "Foi desafiador e gratificante ao mesmo tempo repaginar al-

gumas das canções que são verdadeiros clássicos do pagode e que marcaram a história de tanta gente, inclusive a minha", diz Luiz Otávio. "Mart'nália é uma artista com uma voz e uma sonoridade ímpar, por isso a ideia era trazer essas canções para o estilo dela de pensar a música, misturando ritmos e propondo novos caminhos sonoros".

E pra abrir essas duas noites, a cantora convidou uma turma de peso. Na sexta, a dupla carioca Yoún, formada por Shuna e GP, mostra no palco do Circo as músicas do ótimo disco "Unicórnio", em que une diferentes sonoridades, como R&B, jazz, soul, trap e ritmos urbanos brasileiros. No sábado é a vez de Bela Ciavatta mostrar sua música, que traz a energia da rua e a mistura de ritmos, como ijexás, afrobeats e jongos, trazendo uma poética marcada por suas vivências.

SERVIÇO

PAGODE DA MART'NÁLIA
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)
3 e 4/1, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos entre R\$ 70 e R\$ 180

Travando o bom combate

Cantora, compositora e instrumentista, Nilze Carvalho volta ao Rival Petrobras com show de seu mais novo disco

Por **Affonso Nunes**

Depois do sucesso de sua apresentação em julho, a cantora, compositora e instrumentista Nilze Carvalho volta ao Teatro Rival Petrobras com o show “Nos combates da vida” neste sábado (4). O show marca o lançamento do videoclipe “Arabiando”, música de Esmeraldino Sales. Nilze estará com seu cavaquinho e acompanhada por Hudson Santos (violão), Luiz Augusto Guimarães (percussões) e Diego Zangado (bateria). E ainda vai ter convidada especial: Lazir Sinval, do Jongo da Serrinha.

No repertório do show que celebra 45 anos de carreira de Nilze, estão canções do novo álbum, como a inédita “Amor segredo” em letra do magistral Nei Lopes, “Água de Nascente” (Nilze Carvalho / Silvio Carvalho). Gravar essa faixa foi uma satisfação para a artista. “Quando voltei para o Brasil, depois anos no Japão, Nei me recebeu, trabalhamos muito juntos e ele virou uma espécie de padrinho neste retorno depois de tantos anos longe”, conta.

Primeira gravação de uma parceria entre Nilze e seu padrinho, “Amor Segredo” é hiper romântica e nos traz a temática do amor



O show de Nilze marca o lançamento do clipe de ‘Arabiando’, uma das faixas do álbum ‘Nos Combates da Vida’

platônico. “Um amor que jamais escutou um ‘te amo’ ou ‘te quero’... amor que ‘se rói de ciúmes’ mas ninguém sabe dele (‘nem mesmo você’)”, diz a letra. O arranjo foi pensado para flutuar. O sopro suave e o piano passam por dentro deste segredo abolerado. Outro destaque do show é a faixa “Nas Minhas

Mãos”, parceria de Nilze e Zeca Leal. O roteiro inclui também sucessos de craques como Arlindo Cruz, João Bosco e Leci Brandão.

O álbum completo traz Nilze Carvalho assinando a produção musical e conta com co-produção do baixista Zé Luis Maia. Os arranjos também são dela e receberam contribuições primordiais dos músicos que a acompanham há tempos.

Descoberta ainda criança como uma virtuose do bandolim, Nilze Carvalho possui vasta experiência

musical tendo tocado ao lado de grandes nomes da música brasileira como Dona Ivone Lara, Zeca Pagodinho, Jair Rodrigues, Mart’nalha, Hamilton de Holanda, Dudu Nobre, Zélia Duncan, Roberta Sá, Teresa Cristina, entre outros.

SERVIÇO

NILZE CARVALHO
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
4/1, a partir das 19h30
Ingressos entre R\$ 39 e R\$ 110

CRÍTICA / DISCO / ALGO SOBRE VOCÊ, ERÊNDIRA

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje trataremos de “Algo Sobre Você, Erêndira”, álbum do Duo Aduar, integrado pelos mineiros Gabriel Guedes e Thobias Jacó. Seminal lançamento da Kuarup, o trabalho traz a trilha sonora criada pelo duo para o espetáculo de mesmo título sob direção de Cássio Borges, da Cia Cássio B. de Teatro (Lorena, SP).

Baseados no conto “A Incrível e Triste História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada”, de Gabriel García Márquez, os seis temas musicais nascem inspirados na relação amorosa entre Erêndira e Ulisses. O romance é marcado por paixões avassaladoras, reveladas por García Márquez a partir de quando Erêndira, acidentalmente, derruba um candelabro e causa um incên-

dio que destrói a casa em que mora com a avó. Esta considera Erêndira culpada e a obriga a se prostituir para pagar pelo estrago.

Cantando e tocando viola caipira e violão, o Duo Aduar se entrega à brasilidade através de uma extraordinária confecção musical que embala a trama do escritor colombiano em acordes e ponteados e em cantorias em duos e solos afinados. Coisa boa de se ouvir!

Diz Gabriel: “Os ritmos e os timbres da viola e do violão que utilizamos para gravar são muito importantes para dar essa cara regional”. E Thobias segue: “Nosso trabalho é tocar em temas mais universais (...) usando uma forte referência no regional, apesar de não

Rompendo fronteiras

Divulgação



sermos uma dupla caipira”.

“Um Outro Vento” (Prólogo): abrindo a tampa, violões e violas ponteiam, para logo o duo vir com vozes abertas em terças. A seguir, um uníssono oitavado antecede a volta das terças. A harmonia das cordas faz irrestrita referência ao universo musical interiorano.

“Coração Pueril”: o violão harmoniza e a viola ponteia a moda. Intercalando intervenções, os instrumentos realçam com delicadeza o drama das personagens.

“Retirada”: o Duo Aduar vocaliza a dramaticidade da situação em que Erêndira se encontra, após ser seduzida por Ulisses. Ela foge; a prostituição fica para trás, mas não a abandona. Arritmo e belos vêm o canto e as cordas do duo. A moda volta ao ritmo e traz consigo a dor de uma cruel desesperança.

“Carvão do Amor” tem uma breve intro de violão e viola a anteceder o canto que traz as incertezas de Erêndira. Solando com voz bonita, um dos violeiros tange suas cordas e, em sofrida analogia, canta o amor

que abrasa feito carvão em fogo, mas que logo vira cinzas. Belo momento cantado e tocado pelo Aduar.

“Para Gabo” tem a viola caipira e o violão prestando tributo a Gabriel García Márquez. Um tema instrumental no qual o duo acrescenta à composição a sonoridade de um bem-vindo acordeom tocado por Gabriel Guedes.

“Do Princípio ao Verbo”: com razoamento, o Duo Aduar contesta o amor: “O amor é como o vento/ Leva e traz de tudo o que há/ Invade o teu silêncio/ (...) E dança sobre os escombros/ Brinda teus desejos/ Confunde teus sentidos num olhar (...)”.

E foi assim que os rapazes nos deram um CD cosmopolita que pode ser ouvido em <https://11nq.com/yo2rG>.

*Vocalista do MPB4 e escritor

Um ator entre o drama e a comédia

Lenise Pinheiro/Divulgação



João Salamonde/Divulgação



Luiz Machado em 'As Artimanhas de Molière', que reúne protagonistas de quatro peças do autor francês, que desmascaram os falsos sábios, a avareza dos burgueses, as mentiras dos médicos ignorantes e outros comportamentos sociais nada lisonjeiros

O ator em 'Nefelibato', dramaturgia que narra a trajetória de um homem que vai morar na rua após os efeitos devastadores da crise econômica nos anos 1990

Luiz Machado atua nos solos 'Nefelibato' e 'As Artimanhas de Molière' a partir do dia 15 no Teatro Glauce Rocha

Artista que atua profissionalmente em teatro, televisão e cinema desde 1994, o ator Luiz Machado poderá ser visto em dois espetáculos que estreiam no próximo dia 15, no Teatro Glauce Rocha, no Centro. São eles os solos "Nefelibato" e "As Artimanhas de Molière". O primeiro tem a direção de Fernando Philbert e o segundo por Márcio Trigo.

Pelas ruas da cidade, Anderson oscila entre a lucidez e a loucura – ele hoje é apenas a sombra de um homem outrora bem-sucedido, mas que perdeu tudo: sua empresa, todas

as suas economias, o grande amor da sua vida e um parente querido. Na fronteira com o delírio, mas ainda capaz de lampejos de sabedoria, essa pungente figura é interpretada por Machado em "Nefelibato".

Escrito por Regiana Antonini e com supervisão artística de Amir Haddad, o monólogo faz sucesso há quase nove anos nos palcos do país. Agora, inicia uma nova temporada no Rio. A trama de "Nefelibato" é ambientada na década de 90, mas dialoga muito com o Brasil de hoje. Em cena, os efeitos devastadores do Plano Collor, que levaram Anderson a se tornar morador de rua. O país voltava a ter um governo eleito democraticamente e a inflação galopante exigia medidas drásticas. A saída da nova equipe econômica foi confiscar parte da caderneta de poupança da população, o que levou milhares de brasileiros ao desespero e à bancarrota. Muitos enlouqueceram. Esse é o caso de Anderson, que ainda amarga outras perdas em sua vida.

"Anderson é alguém que vive situações limite. Um equilibrista no fio tênue entre lucidez

e loucura, vida e poesia", diz o ator. "Ele vai morar na rua nos anos 90, quando perde dinheiro e família, mas suas reflexões se encaixam muito bem no período em que estamos vivendo. Ele fala sobre as relações humanas, como as atitudes que nós tomamos sem pensar muito costumam ser individualistas", acrescenta.

O quanto de loucura é necessário para o ser humano não perder a própria vida? Essa pergunta acompanhou o diretor Fernando Philbert ao longo do processo da montagem. "Quis tratar do instinto de sobrevivência que o ser humano tem e esquece que tem. Viver na rua é o caminho que ele encontrou para continuar vivo", destaca o diretor.

Nascido há mais de quatro séculos, Molière (1622-1673) é até hoje um dos mais importantes dramaturgos do mundo, responsável por espetáculos críticos e satíricos, que mostram com maestria os defeitos e virtudes da alma humana. Grande homenagem ao comediógrafo, "As artimanhas de Molière" volta ao cartaz, a partir do dia 17, com uma trama que, bem ao estilo do autor francês,

aponta o dedo e desmascara os falsos sábios, a avareza dos burgueses, as mentiras dos médicos ignorantes e outros comportamentos sociais nada lisonjeiros.

Com adaptação de Fernanda Celleguin e interpretação de Luiz Machado, o monólogo reúne em uma só história quatro protagonistas de comédias escritas por Molière: Alceste, de "O Misanthropo", Esganarello, de "O Médico à Força", Don Juan e Tartufo, das peças homônimas.

Em uma espécie de "jornada do herói" às avessas, o protagonista conta para a plateia toda a sua história, cheia de peripécias, erros e acertos. Após uma desilusão amorosa, ele se torna vingativo e passa a usar as mulheres, mas acaba tendo que se casar à força e é deserdado pelo pai. Sem dinheiro, vive em pé de guerra com sua esposa, que cobra demais, e ele faz de menos. Qual será o destino deste anti-herói? Machado, que completa 30 anos de carreira, estava com vontade de trabalhar em uma comédia depois do sucesso do drama "Nefelibato".

"Fiquei com vontade de fazer comédia e logo pensei no maior comediógrafo de todos os tempos, que celebrou 400 anos em 2022. Molière escreve sobre a hipocrisia humana em quase todos os textos, e é um assunto que me interessa pôr em cena", explica Luiz Machado. "Para manter o bem-estar social, a gente precisa ser falso ou omitir opiniões em diversos momentos. E as peças dele detalham esses comportamentos que estão presentes cada vez mais no nosso cotidiano. Basta olhar as redes sociais, que mostram cenas que não são verdadeiras e guardam objetivos ocultos", completa o ator.

O espetáculo estreou em 2023 e foi idealizado por Luiz Machado e Márcio Trigo, que pela primeira vez trabalharam juntos. O diretor sempre foi grande admirador de Molière, de estilo de humor e das situações que têm como base a comédia dell'arte. "Cheguei a traduzir e adaptar quatro peças escritas por ele", conta Trigo. "Quando eu e Luiz pensamos em trabalhar num monólogo, não tive dúvidas: vamos adaptar Molière. Um desafio e tanto. Não queríamos uma peça; a ousadia era juntar personagens e contar uma só história. Escolhemos quatro personagens e chamamos a Fernanda Celleguin para criar o elo entre eles", acrescenta.

SERVIÇO

NEFELIBATO

De 15/1 a 6/2, às quartas e quintas (19h)

AS ARTIMANHAS DE MOLIÈRE

De 17/1 a 9/2

Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro) | Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

Divulgação



O ator Brad Pitt produziu o longa de US\$ 32 milhões que a TV Brasil exibe neste sábado

A colheita agora é na TV aberta

Divulgação

TV Brasil exibe neste sábado 'A Árvore da Vida', que deu a Palma de Ouro ao diretor Terrence Malick, ampliando sua aura cult de filósofo da imagem

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Cotado para a Berlinale, cuja 75ª edição está agendada de 13 a 23 de fevereiro na Alemanha, com "The Way of the Wind", sobre a vida de Jesus Cristo, Terrence Frederick Malick, hoje com 81 anos, vai abrir o ano cinematográfico da TV Brasil, principal emissora educativa do país, com o longa-



O diretor Terrence Malick, avesso a badalações, em raro clique

-metragem que lhe valeu a Palma de Ouro do Festival de Cannes: "A Árvore da Vida". Às 15h30 deste sábado (com reprise na madrugada de domingo, às 3h30), a TV aberta vai receber a produção de US\$ 32 milhões que ampliou o prestígio do realizador.

Produzido e estrelado por Brad Pitt,

esse drama metafísico é centrado na essência (ora violenta, ora conciliadora) dos seres humanos, estruturado a partir de um diálogo diretor com o Altíssimo. Sua bilheteria beira US\$ 58 milhões, arrecadados pelo mundo afora, em paralelo à indicação do cineasta (um ermitão avesso a fotos e aparições públicas) ao Oscar de melhor direção de 2012. Existe uma segunda versão, director's cut, ainda maior do que a metragem vista em solo cannoise, com 2h20, que foi exibida no Festival de Veneza, em 2018, com 188 minutos.

A revisão que as/os programadoras/es da TV Brasil propõem para este fim de semana é a partir do que se viu e do que se aplaudiu em Cannes, quando Robert De Niro foi o presidente do júri do evento. Foi com "A Árvore da Vida" que Jessica Chastain despontou para os holofotes de Hollywood, no papel de uma mãe protetora que tenta resguardar um de seus filhos, Jack (Hunter McCracken, quando jovem; Sean Penn, quando adulto) da ferocidade silenciosa de seu pai exigente, o Sr. O'Brien, vivido por Pitt.

Amparado no arrojo da fotografia do

mexicano Emmanuel Lubezki, Malick professa na tela uma homilia espiritualista: a tese de que a Natureza está acima da vontade dos homens. Em Malick, a Natureza é a onipotência em estado puro, só que esta é tratada a partir de contornos messiânicos, num reflexo de sua formação pelo transcendentalismo, expresso em ensaístas como Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau. O ideal transcendental desses autores escorre por Malick, lido à luz e ao ethos do Romantismo, seja pela evasão (no tempo, no espaço) seja pelo tratamento quase divino dado ao Amor.

Analista da dicotomia entre inocência e hipocrisia, Malick sempre arquiteta tomadas belíssimas da natureza, como os campos de trigo de "Cinzas no Paraíso", de 1978. Aposta em reflexões existenciais, abundantes no recorte que fez da Segunda Guerra em "Além da Linha Vermelha", pelo qual ganhou o Urso de Ouro em 1999. Filma a partir de licenças poéticas atípicas em Hollywood, vide a discussão moral sobre a América dos anos 1600 de seu "O Novo Mundo", de 2005. Outra marca do cineasta: a cada filme que roda, uma multidão de astros do mais alto quilate se oferece a trabalhar para ele a cachês módicos. Na estreia de "A Árvore da Vida", Sean Penn chegou a dizer que não havia entendido bem o roteiro, mas que valia encará-lo para estar como um mestre daquele porte ao seu lado.

Mesmo nos trabalhos em que foi recebido com frieza ou desdém, vide "Amor Pleno" (2012) e "Cavaleiro de Copas" (2015), Malick continuou atraindo estrelas e continuou sendo respeitado como um artesão da imagem. Recebeu o prêmio do júri ecumênico de Cannes, em 2019, por seu "Uma Vida Oculta", também controverso.

Até o mais ácido cronista do cinema americano, o jornalista Peter Biskind, autor de "Easy Riders, Raging Bulls – Como a Geração Sexo-Drogas-Rock'n'Roll Salvou Hollywood", foi capaz de render elogios ao diretor em uma entrevista de 2011. "Depois de ter desafiado as convenções de roteiro dos EUA, Malick desapareceu, para se dedicar a dar aulas de Filosofia, o que muitos interpretaram como uma recusa de se submeter aos vícios de Hollywood. Certo ou errado, Malick virou um marco de integridade artística".

Durante anos a fio, o cineasta filmou com hiatos enormes. Mas, a descoberta das câmeras digitais alimentou seu gosto por voltar aos sets ou de remexer em imagens de arquivo. Agora, ele faz um longo atrás do outro. Ainda retoma a colheita de sua "Árvore" cultuada sempre que pode.



Curral com Animais (1998), de Fernando Diniz

Colheita de flores (1972), de Maria Auxiliadora



Da série Rasurando Fidanza (2023), de PV-Dias

Uma arte 'pretagonista'

Galeria do Espaço BNDES reúne na exposição 'Pretagonismos' 105 obras do acervo do Museu Nacional de Belas Artes, incluindo obras do século 18 aos dias de hoje

O Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) segue em obras, com previsão de reabertura no segundo semestre deste ano. Enquanto isso parte do acervo da instituição pode ser visto na galeria do Espaço Cultural BNDES que abriga a exposição "Pretagonismos", um recorte do precioso acervo do MNBA que reúne 105 obras de 59 artistas, 46 negros e 13 brancos, que retratam pessoas negras, para apresentar o protagonismo do artista negro neste acervo, que é um dos principais depositários do pa-



Objeto Emblemático nº 5 (1969), de Rubem Valentim



Ninfa Eco (sem data), de Mestre Valentim

Fotos/Divulgação

trimônio artístico do país. O trabalho mais antigo data do fim do século 18 e o mais recente, de 2023.

O corpo curatorial da mostra - Amauri Dias, Ana Teles da Silva, Cláudia Rocha e Reginaldo Tobias de Oliveira, todos da equipe permanente do MNBA - quer frisar as trajetórias de luta, resiliência, transgressão e heroísmo desses negros em uma sociedade que ainda hoje é varada pelo racismo.

A exposição sela o recente acordo de cooperação técnica entre o banco e o museu, que está em reforma física e conceitual desde o segundo semestre de 2019.

"Essa exposição 'Pretagonismos' é emblemática, pois desafia e questiona os padrões de representação e coloca artistas negros no protagonismo da arte e da história. Tudo isso é motivo de orgulho para o BNDES, que busca promover uma sociedade mais justa e diversa," diz Aloisio Mercadante, presidente do BNDES.

"Esta mostra é mais um passo significativo na construção de uma narrativa inclusiva e justa no panorama artístico nacional que, diante das urgências contemporâneas, evidencia fissuras, forçando o olhar para uma noção de beleza e de poética mais integrativa", destaca Daniela Matera, diretora do MNBA.

Até chegar à concepção desta exposição, os curadores aprofundaram a pesquisa que começou em 2018, com a mostra *Das galés às galerias: representações e protagonismos do negro no acervo do MNBA*, em que múltiplas interpretações do negro e do legado afro-brasileiro vão se constituindo na construção desta nação.

"Queremos avançar no protagonismo de artistas negros, muitas vezes invisibilizados pelas instituições. Com 'Pretagonismos', aprofundamos a pesquisa sobre os protagonismos negros neste museu de origem acentuadamente eurocentrada", diz o texto da curadoria, que organizou o percurso da exposição em núcleos não cronológicos: *Mestres negros pioneiros*; *Nas brechas das representações*: imagens e trajetórias de negros no acervo do Museu Nacional de Belas Artes; *Entre a cátedra e o cativo*: professores negros; *Estevão Silva*: transgressões e prenúncios da modernidade no MNBA e *Decolonialidade em perspectiva*: um olhar sobre os artistas negros.

SERVIÇO

PRETAGONISMOS

Espaço Cultural BNDES (Av. Chile 100 - Centro)

Até 14/2/2025, de segunda a sexta (10h às 19h) | Entrada franca

Tardimania

Edição portuguesa da saga 'Adèle Blanc-Sec' e novo álbum do detetive Nestor Burma amplia o séquito de fãs do quadrinista francês que fez da História tema de tramas cheias de requinte

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Livrarias europeias (e Amazons afins) andam com suas prateleiras de quadrinhos tomadas por Jacques Tardi, que, aos 78 anos, volta a mobilizar o mercado que renovou, na década de 1970, pela elegância de seu traço e a acurada reinvenção de episódios históricos do Velho Mundo. A publicação de "Du Rififi À Ménilmontant", pela editora Casterman, em novembro, renova uma das franquias de maior êxito de vendas de sua sexagenária carreira: a série Nestor Burma.

O detetive foi criado em 1943 pelo escritor Léo Malet (1909-1996) e, popularizado em mídias audiovisuais como a TV e o cinema (em filme com Michel Serrault), acabou ganhando uma releitura gráfica pelo traço de Tardi. Em 1982, o artista se uniu a Malet para desenhar o álbum "Brouillard Au Pont De Tolbiac", e explorou as peripécias do investigador até 2020. Uma das graphic novels que fizeram, "Brumas Sobre a Pont de Tolbiac", foi editada pela Zarabatana no Brasil. Em língua portuguesa, o desenhista ganhou novos holofotes em 2024, a partir do trabalho da editora Levoir ao publicar a personagem mais famosa do universo tardiano: Adèle Blanc-Sec, criada em 1976.

Chama-se o que Tardi lança de Banda Desenhada, ou BD. Esse é o nome que os europeus usam pra definir álbuns gráficos em quadrinhos, de luxo, em capa dura, que optam por narrativas de gênero (mistério, fantasia, sci-fi, faroeste) ou por aulas de História (cheias de poesia) e trilham caminhos que fogem do maniqueísmo. Nos EUA, quem dá as cartas nesse mercado é a Marvel e a DC, mas, na França, quem gira a roda são tramas adultas, calcadas em temas políticos, que dissecam mitos e biografam artistas. "Du Rififi À Ménilmontant" se instala nesse caminho.

Seu enredo carrega traços da literatura e do cinema noir da década de 1950. Em dezembro de 1957, Burma teve um caso grave de gripe, que ele tentou tratar com a última droga da moda dos laboratórios Manchol.



Jacques Tardi no Salon du Livre de Paris



O detetive criado em 1943 pelo escritor Léo Malet (1909-1996) e, popularizado em mídias audiovisuais como a TV e o cinema), acabou ganhando uma releitura gráfica pelo traço de Tardi

Como não tem o hábito de desistir diante da adversidade, ele concorda em aceitar uma nova cliente: uma senhora burguesa que não

tem medo de uma boa risada. Qual não é sua surpresa quando ela revela sua identidade: Madame Manchol! O que se segue é uma

investigação dos bastidores dos laboratórios farmacêuticos, envolvendo muito dinheiro, é claro, e abuso de animais.

Redescoberto pelo público leitor brasileiro com a publicação de "Era a Guerra de Trincheiras", Tardi desfilou sua criatividade por periódicos como "Pilote", "L'Écho Des Savanes" e "Métal Hurlant" antes de formar uma legião de fãs com Burma e com Adèle Blanc-Sec, que hoje conquista a ala nerd lusitana. Entre nossos patrícos, a Levoir hoje edita joias do quadrinista como "O Demônio da Torre Eiffel" e "O Afogado com Duas Cabeças", estreladas por uma empoderada investigadora.

Quase 50 anos depois de seu lançamento, "Les Aventures Extraordinaires d'Adèle Blanc-Sec" preservou seu viço, sobretudo no corredor meticuloso (de Anne Delobel) supervisionado por Tardi, que renovou a gramática da chamada gaslamp fantasy na cultura pop. A HQ saiu lá fora em formato de álbum pela Casterman, e chegou a ser precedida de serialização em vários periódicos. Seu maior achado, fora o depuro visual dos desenhos, é a construção de uma heroína nada convencional, Adèle, uma escritora de ficção popular metida a Sherlock Holmes avessa à correção política, sem medo de seus desejos (nem de expor sua nudez). Na época de seu lançamento, Bécassine e Barbarella eram as principais figuras femininas da banda desenhada europeia, que andava inflacionada de tipos masculinos sem muita variação. Em 2010, Luc Besson levou Adèle às telas, com enorme sucesso de bilheteira, tendo Louise Bourgoïn no papel principal.

Numa brincadeira com o jornalismo investigativo, as peripécias de Adèle Blanc-Sec se passam no mesmo universo ficcional de três histórias ilustradas anteriores de Tardi: "Adieu Brindavoine" ("Adeus, Brindavoine"), publicada em série em 1972 na revista de quadrinhos franco-belga Pilote n° 680-700; sua sequência direta, "La Fleur au Fusil" ("A Flor no Rifle"), um conto de dez páginas publicado pela primeira vez em 1974; e a graphic novel original de 1974 "The Arctic Marauder" ("Le Démon des glaces", ou "O demônio do gelo"). Tudo partiu de uma encomenda da Casterman por uma mulher aguerrida, que adentrasse num contexto de narrativas próximas à saga de Arsène Lupin.

Tardi revirou as entranhas de Paris, retratando a cidade antes e depois dos feitos da I Guerra Mundial. No álbum que consagrou sua sempre bem vestida diva da justiça, Adèle busca solucionar o mistério da aparição de um pterodátilo a partir de um ovo de dinossauro que mobiliza uma espécie de seita. O clima de tensão se fez presente mesmo nas páginas em que a verbosidade de seu autor se excede.

Um novo ano Sol

Que os dias amanheçam lupicinianos, com doses filosóficas de Hegel. Que nos ares, em quantidades certas e equilibradas, exista sempre um certo romantismo cristalino, entremeadado de uma porção de 'Fenomenologia do Espírito', ou seria uma poção de encantamentos?

Sempre penso que o Rio recebe doses reforçadas de fluidos mágicos, oriundos da Pedra da Gávea, vindos de uma dimensão paralela onde só existem o amor e a felicidade. Essa fórmula indelével paira sobre nós, emanada por um Merlin carioca que habita aquela esfera dimensional. Um Merlin, cujo chapéu 'bruxesco' é um boné, a túnica uma camiseta acompanhada de uma bermuda e o cajado uma prancha de surf; 'irmão' puro. Ostenta o tal 'dragão tatuado no braço' caetaneando.

O Rio clareará, sob as bênçãos de Santa Clara, emanadas do alto da Gávea, vindas de um convento. Clareará meio 'moleque', meio malandro, meio mandrião. Não no sentido exato das palavras, mas naquela deliciosa maledicência tupiniquim-riodejaneirense em chiste, um certo desgabo, somado a uma malemolência, um quê de Zé Pelintra. Romperá os 365 próximos dias lentamente, vagarosamente, o firmamento carioca, assim como desvirginando a madrugada, doce manhã.

O Sol, viva o Sol! - consciência, ao abrir caminho rumo à sua verdadeira existência, atingirá pontos onde se despojará de sua aparência fluídica e se tornará sólido, erguendo, entre quatro paredes mágicas do firmamento, telúricas, pedras auriverdes e pélagos. Bola ou bolha de fogo incandescente, tal bolha de sabão etérea do menino das bolas de gude. Talvez à espera da chegada do segundo sol, puramente Laranjeiras e seu 'All Star', realinhando a órbita planetária.

Acordoará Lupicínio, este sol nosso de cada dia, em tanta luz que teremos a leve impressão que cantarolará: "...A minha casa fica lá detrás do mundo / Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar / O pensa-

mento parece uma coisa à toa / Mas como a gente voa quando começa a (brilhar)..."

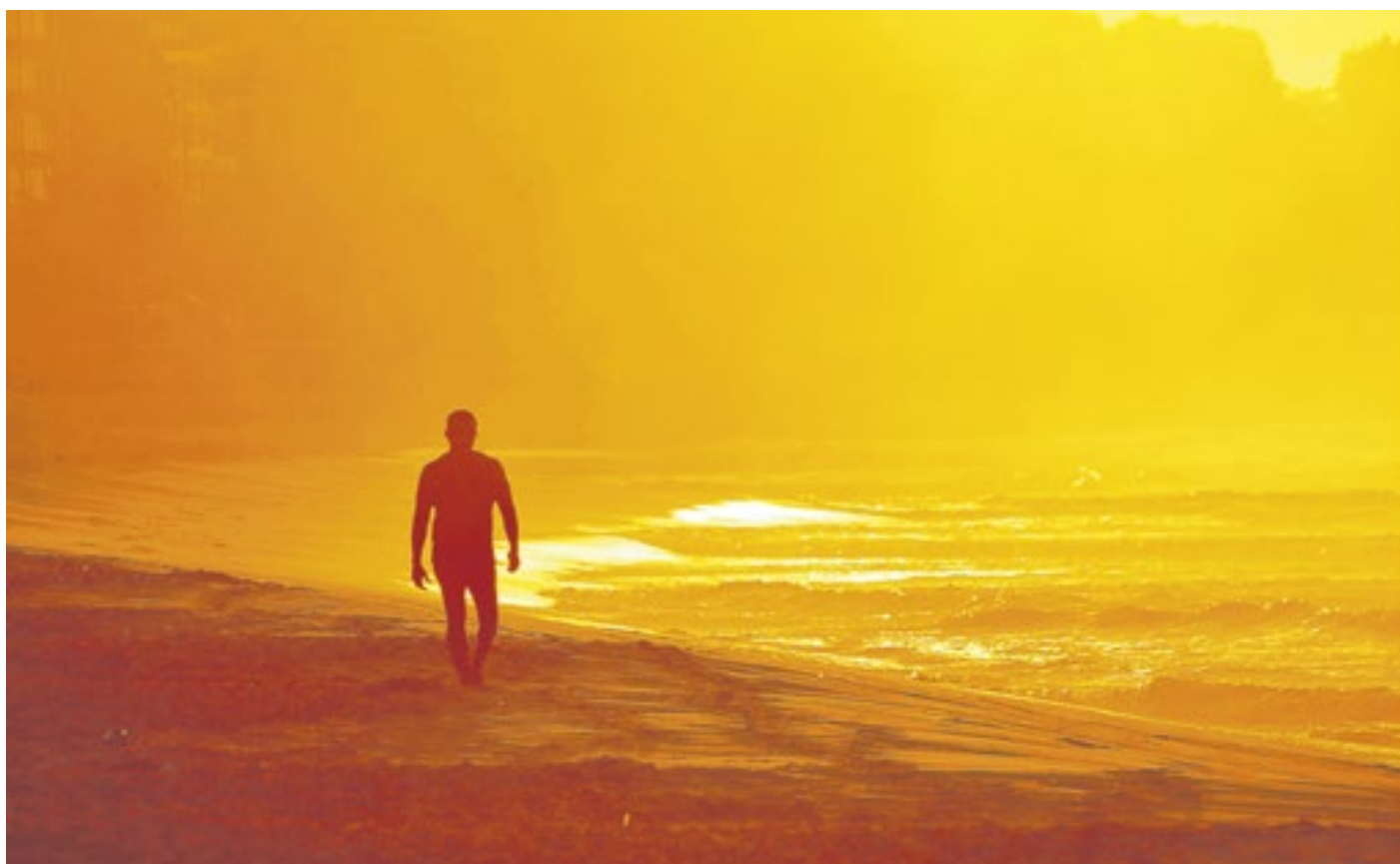
A cidade enamorada logo lhe responderá, languidamente, acabadiça diante de tanto brilho e intensa luz, desde os primeiros raios, que anunciarão o amanhecer, o céu, costumeiramente em fogo, irá doiar-se exprimindo sua maior vocação: ser Rio! Rio de alegria

e festa, de feli(z)cidade e de natureza esplendorosa, de imenso amor à Cidade Maravilhosamente Maravilhosa! O Rio é a libélula Aureliana.

As fragatas escolherão o melhor cenário para o ensaio de seu sensual balé. As montanhas, solares em brilho, exaltarão a nobreza desse espaço nomeado, por Monteiro Loba-

to, de "Almoxarifado de Deus". O Sol, por sua vez, em malabares mil, irá se apoiar na "Parabólica Camará", no seu exercício diário de se equilibrar no topo do prédio, no topo da cidade, no topo do mundo. Tudo aos pés do Redentor.

Amanhecerá diariamente Prometheus nos 365 dias de 2025!



Em turnê,
banda
formada por
ex-integrantes
do Death revive
clássicos
dos álbuns

Por Mayariane Castro

A banda Left to Die, composta por ex-integrantes da icônica banda Death, realiza um show neste sábado (4) com a turnê que passa pelo Brasil em janeiro de 2025, com o show “Scream Bloody Leprosy”. Em Brasília, o show está marcado à partir das 20h30 no Toinha Brasil Show (SOF Sul).

A apresentação, que ocorrerá ainda em diversas cidades do país, resgata os principais clássicos dos álbuns “Scream Bloody Gore” (1987) e “Leprosy” (1988), discos fundamentais na história do death metal mundial. Os fãs tem a oportunidade de reviver músicas emblemáticas do metal extremo, como “Zombie Ritual” e “Pull the Plug”, interpretadas por músicos diretamente ligados ao legado de Chuck Schuldiner, líder do Death.

Formada por veteranos do cenário do metal extremo, a Left to Die traz para o palco o guitarrista Rick Rozz e o baixista Terry Butler, ambos ex-integrantes do Death. Completa o time Matt Harvey (guitarra e vocal) e Gus Ríos (bateria), membros da banda Gruesome, que compartilham uma profunda conexão com o legado de Schuldiner e o movimento do death metal. A turnê visa proporcionar aos fãs uma imersão nos álbuns que marcaram a evolução do gênero e consolidaram o Death como uma das bandas mais influentes do metal.

Homenagem ao metal

O evento “Scream Bloody Leprosy” foi idealizado para celebrar dois dos discos mais importantes da história do metal. Lançado em 1987, “Scream

Pós-virada com metal no DF

Reprodução/Instagram



Em nova turnê no Brasil, banda Left to Die traz referências do Heavy Metal

Bloody Gore* é considerado um dos álbuns fundadores do death metal, apresentando um som agressivo e técnico que mudou para sempre o cenário do heavy metal. O segundo álbum da banda, *Leprosy* (1988), solidificou o Death como uma das principais bandas do gênero e influenciou gerações de músicos.

A turnê não apenas traz os músicos para reviver esses hinos do metal, mas também serve como uma celebração do legado de Chuck Schuldiner, o criador do Death, que é amplamente reconhecido como uma das figuras mais importantes do metal mundial. A banda Left to Die

é, de certa forma, uma homenagem ao trabalho de Schuldiner e à importância do Death para o desenvolvimento do metal extremo.

Exclusividade

Além da apresentação ao vivo, o público que adquiriu ingressos promocionais para o show terá direito a um exemplar do livro “Death by Metal: A História de Chuck Schuldiner”, que será entregue no dia do evento. O livro oferece uma visão aprofundada sobre a vida e a carreira de Schuldiner, um dos músicos mais influentes do gênero. A obra também explora a história da banda Death e o impacto que

ela teve no cenário musical, tornando-se uma leitura essencial para os fãs de death metal.

Início de tudo

A Left to Die surgiu a partir da ideia de Rick Rozz e Terry Butler, que foram membros fundamentais do Death durante sua fase inicial. Após a dissolução do Death em 2001, devido à morte de Chuck Schuldiner, os dois músicos seguiram diferentes caminhos na música. Rozz e Butler, no entanto, mantiveram viva a memória da banda e sempre manifestaram o desejo de continuar a tocar o legado do Death.

A formação do restante da

banda aconteceu com a entrada de Matt Harvey e Gus Ríos. Harvey é conhecido por seu trabalho na banda Gruesome, que também se dedica a resgatar o som e a estética do Death. Já Gus Ríos, baterista da banda, tem uma longa carreira no metal e é considerado um dos músicos mais talentosos da cena.

A união desses quatro músicos resultou na formação da Left to Die, uma banda que, além de reviver os clássicos do Death, também busca trazer novas perspectivas e influências para o legado do grupo. A formação da Left to Die reflete a continuidade de uma linha de músicos que foram essenciais para a criação e popularização do death metal nos anos 80 e 90.

Turnê no Brasil

A turnê no Brasil é uma oportunidade única para os fãs do metal extremo e, em especial, do Death, vivenciarem uma parte da história do gênero. As apresentações serão realizadas em várias cidades do país, incluindo São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais, com datas a serem confirmadas. O show promete não apenas um espetáculo musical, mas também uma verdadeira viagem no tempo, resgatando o espírito e a energia dos álbuns.

O público acompanhou a execução das músicas com uma performance técnica e energética, característica dos músicos que têm uma longa trajetória no cenário do metal. A apresentação contará com os clássicos do Death, além de outros momentos especiais que certamente agradarão aos fãs mais antigos da banda e àqueles que buscam conhecer mais sobre o legado de Chuck Schuldiner.

Futuro em foco no DF

Comunicador do Futuro está com inscrições abertas para cursos de audiovisual

Por Reynaldo Rodrigues

A comunidade do Recanto das Emas está prestes a vivenciar uma nova oportunidade de crescimento profissional. Com inscrições abertas para sua segunda edição, o projeto Comunicador do Futuro oferece cursos gratuitos nas áreas de comunicação, produção audiovisual e gestão de redes sociais. Voltado para jovens, adultos e profissionais da cultura, o programa é uma excelente chance de capacitação e preparação para o mercado de trabalho. As aulas começam no dia 13 de janeiro, e as vagas são limitadas.

Com o objetivo de ampliar o acesso à formação de qualidade, o Comunicador do Futuro disponibiliza quatro cursos: Fotografia, Operação de Áudio, Produção Audiovisual e Gestão de Redes Sociais. Os horários flexíveis atendem diferentes perfis de participantes, e cada inscrito pode optar por até duas modalidades, ampliando as possibilidades de aprendizado e prática.

Dilma Imai, coordenadora do projeto, celebra os resultados alcançados. “A primeira edição formou quase 400 alunos, e temos relatos emocionantes de ex-participantes que já estão no mercado. O projeto vai além da técnica, conectando os alunos com a realidade do trabalho. A economia criativa é um dos pilares, transformando vidas por meio das habilidades desenvolvidas em sala”, destaca.

O secretário de Cultura e Economia Criativa do DF, Claudio Abrantes, reforça a relevância da iniciativa. “Essa ação oferece capacitação e aumenta as chances de jovens entrarem no mercado competitivo”, conclui.



Divulgação

Comunicador do Futuro está com inscrições abertas

Reprodução



Ação acontece no Recanto das Emas em 2025

Divulgação



Os cursos serão ministrados por profissionais



Reprodução

Projeto oferece capacitação gratuita para jovens

Divulgação



O objetivo de democratizar o acesso à formação

Divulgação



A intenção é levar o projeto para todo o DF

Arte política e de gênero

Artista trans, Rafa Bqueer marca presença em duas exposições - de escopos distintos

Por Reynaldo Rodrigues

Natural de Belém (1992, PA), Rafa Bqueer foi selecionada por dois coletivos curatoriais para exposições no Centro Cultural Banco do Brasil Brasília: Indomináveis Presenças, da produtora baiana AfrontArt, e Nise da Silveira - A Revolução pelo Afeto, da carioca UM-BA-RA-KÁ.

Indomináveis Presenças, em cartaz no famoso Pavilhão de Vidro até 12 de janeiro de 2025, reúne 114 obras de 16 artistas em diversos estágios de carreira. A exposição propõe uma imersão em narrativas estéticas com gravuras, fotografias, performances, esculturas e obras geradas por inteligência artificial. Já Nise da Silveira - A Revolução pelo Afeto, aberta até 23 de fevereiro de 2025 na Galeria 1, explora a interseção entre saúde mental e artes, apresentando cerca de 200 obras de 38 artistas em técnicas variadas e um rico acervo histórico.

Negra e periférica, Rafa desafia padrões para ressignificar valores no contexto colonial. Em "Nise", exhibe o díptico "Alice e o chá através do espelho" (2014/2020), que, segundo a curadora Isabel Seixas, destaca histórias de identidades marginalizadas e reafirma a arte como resistência. A obra dialoga com as reflexões de Joãozinho Trinta sobre exclusão e violência urbana.

Na mostra Indomináveis, Rafa apresenta "Casaco Themônia" e "Trava Queen", da série Ex-cêntrica, criadas para o coletivo Themônias, que desafia normatividades da sociedade e colonialismos ao propor novas narrativas identitárias.

Rafa Bqueer



Interseccionalidade entre arte política e de gênero

Divulgação

Rafa Bqueer



Periférica, Rafa atua na zona de exclusão social

Rafa Bqueer



A arte afronta padrões da sociedade

Paulo Evander Castro



Rafa Bqueer atua de forma transdisciplinar

Shai Andrade



"Maria Ruth", 2023, série "Imagens de revolta"



"Pintura Neon", 2020, fotoperformance

Por Mayariane Castro

O Distrito Federal preparou uma série de eventos gratuitos para celebrar a virada de ano, com atrações espalhadas por diversas regiões da capital, incluindo a Esplanada dos Ministérios, a Prainha dos Orixás, a Praça da Bíblia (Ceilândia), Parque de Exposições de Planaltina e a Torre de TV. A programação de fim de ano, que começou no dia 29 de dezembro e foi até 1º de janeiro, incluiu shows de artistas renomados e de bandas locais, além de festividades em pontos tradicionais da cidade.

Somente na Esplanada dos Ministérios, no centro de Brasília, compareceram ao menos 200 mil pessoas, que puderam prestigiar os shows de fogos e uma variedade de shows.

Entre os destaques da programação esteve presente as apresentações de cantores populares como Leonardo, Zé Vaqueiro, Manu Batidão e Cesar Menotti e Fabiano. O evento também contou com a participação de várias bandas locais, que prometeram animar o público com diferentes estilos musicais, que variaram entre samba, pagode, sertanejo e eletrônica. As atividades ocorreram em várias localidades, oferecendo uma variedade de opções para quem comemorou o Ano Novo no Distrito Federal.

Morada de Ceilândia, Maria de Fatima, 53, diz que a virada na Torre de TV foi surpreendente de forma positiva. “Achei muito bacana que as medidas para redução de barulhos foram muito valorizadas no evento. Os shows puderam ser aproveitados de uma forma muito melhor com o volume reduzido, além dos fogos. Foi um ótimo evento”, relatou à reportagem.

Locomoção

A Secretaria de Transporte e Mobilidade (Semob) do Distrito Federal informou que houve alterações no transporte público durante os dias dos eventos. No

Ano Novo diverso no DF

Joel Rodrigues/ Agência Brasília



2024 contou com uma diversidade de lugares e atrações para a queima de fogos

dia 31 de dezembro, os ônibus circularam com a tabela de dia útil, com reforço no horário de fechamento do comércio. No dia 1º de janeiro, o transporte seguiu os horários de domingo e feriado, estando com metrô fechado e frota de ônibus reduzida.

Além disso, a Semob reforçou atenção especial ao transporte para os eventos que aconteceram em Ceilândia, Planaltina, Torre de TV Digital, Torre de TV e Parque da Cidade, entre os dias 27 e 31 de dezembro. Para a Praça dos Orixás, em particular, foi reativada a linha 103.1 entre os dias 30 de dezembro e 1º de janeiro, facilitando o acesso ao evento.

Queima de fogos

O Pontão do Lago Sul, um dos cartões postais de Brasília, também preparou uma celebra-

“A medida para redução de barulhos foi muito valorizada. Os shows puderam ser aproveitados de uma forma muito melhor”

Maria de Fátima

ção para a virada do ano. A tradicional queima de fogos de artifício foi realizada na orla do Lago Paranoá, com entrada controlada. Os ingressos foram gratuitos, mas precisaram ser retirados pela internet previamente. A entrada foi liberada mediante a troca do

ingresso digital por uma pulseira de acesso, com a doação de um quilo de alimento não perecível para doação.

Além do espetáculo pirotécnico, o Pontão contou com 10 espaços gastronômicos, oferecendo cardápios variados e atrações musicais. As opções de alimentação estiveram acompanhadas de atrações musicais diversificadas, proporcionando um ambiente de entretenimento completo para os visitantes.

Torre de TV: “Viagem aos Anos 90”

Outro evento destacado no Distrito Federal foi a festa temática “Uma Viagem aos Anos 90”, que ocorreu no Mezanino da Torre de TV. Com uma vista panorâmica dos principais pontos turísticos de Brasília, o evento prometeu uma noite animada

com hits nostálgicos da década de 1990, sob o comando do DJ Alysson Monteiro.

O evento teve uma seleção gastronômica que incluiu estações de antepastos e frios, mini-pães, frutas frescas e um serviço volante. Para acompanhar, os participantes puderam escolher entre uma carta de drinks, vinhos e opções não alcoólicas, que estiveram disponíveis para compra.

Diversidade

A programação de Ano Novo no Distrito Federal esteve repleta de opções para aqueles que buscaram uma celebração diversificada, com eventos gratuitos e para todos os estilos. As atrações musicais incluíram desde grandes nomes da música sertaneja, como Leonardo e Zé Vaqueiro, até grupos de pagode, DJs e apresentações de bandas locais.

Além dos eventos mencionados, a cidade também contou com outras atividades e festas privadas, todas preparadas para receber o público e garantir uma virada de ano cheia de opções de lazer e entretenimento. Para aqueles que planejaram participar das festividades ao ar livre, foi importante ficar atento às informações sobre transporte e segurança, além de garantir os ingressos quando necessário, como no caso da queima de fogos no Pontão do Lago Sul.

A reativação de linhas de ônibus e o reforço no transporte público são medidas que visam facilitar o deslocamento dos participantes, especialmente para os eventos em áreas mais afastadas, como Ceilândia e Planaltina. O uso do transporte coletivo será uma alternativa conveniente para quem deseja evitar o tráfego e o estacionamento durante as festas de fim de ano.

Comunicador do Futuro está com inscrições abertas

PÁGINA 8



Ano novo no DF foi marcado pela diversidade

PÁGINA 14



Artista trans marca presença em duas exposições

PÁGINA 9



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Divulgação



‘Ainda Estou Aqui’ disputa troféu de Melhor Filme de Línguas Não Inglesa e Fernanda Torres a de Melhor Atriz no prêmio da imprensa hollywoodiana, que acende holofotes do Oscar

Globo de Ouro para chamar de nosso

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Domingo é dia de Globo de Ouro e o Brasil vai estar lá, representado por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, numa celebração de talentos que coroa uma das atrizes de maior talento da tela grande, Viola Davis, com um troféu honorário. Cheia de trabalhos inéditos para estreiar em 2025, como o drama “I Almost Forgot About You” e o thriller “G20”, a estrela de 59 anos vai receber o troféu honorário Cecil B. DeMille, não só pela potência de seus feitos como atriz, mas pelo simbolismo que sua luta antir-

racista e seu engajamento em causas feministas agrega à Golden Globe Foundation.

É essa fundação que pode coaroar o recordista brasileiro de público do ano passado, com 3 milhões de ingressos vendidos, com as estatuetas de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e de Melhor Atriz,

consagrando a interpretação de Fernanda Torres. Só as indicações já ampliam o cacife de seus concorrentes na Oscar Season. Outrora, acreditava-se que quem ganhava o Globo de Ouro seria oscarizado automaticamente, mas a História questionou esse postulado.

Votações dos sindicatos de Hollywood, sobretudo o Screen Actors Guild (SAG) e o Producers Guild of America (PGA), têm mais peso, pois refletem o gosto de quem (de fato) vota na Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos EUA, que anuncia seus concorrentes no próximo dia 17. Apesar disso, o Globo, concedido desde 1944 por correspondentes da imprensa estrangeira em solo hollywoodiano, continua a ser encarado como chancela de prestígio, por alargar a visibilidade de títulos em circuito comercial, elevando sua receita numa temporada de premiações que termina no dia 2 de março, com a festança da Academia. Até lá, muitos longas-metragens vão mobilizar o circuito, cercados de potenciais favoritismos. A conquista do Globo dourado vai ajudar muitos deles, inclusive o drama de Salles sobre a peleja da ativista Eunice Paiva (papel de Torres) contra a ditadura militar.

Além de premiar o cinema, o Globo de Ouro também entrega troféus a produções de TV e de streaming. Na seara da dramaturgia serializada, os concorrentes com mais indicações são “O Urso” (na comédia, nomeado em cinco categorias) e “Shogun” (no drama, nomeado para quatro prêmios).

Continua na página seguinte